

## Discurso do orador da turma de Bachareis de 1926

---

Por certo não é tarefa muito facil falar alguém em nome de outrem. A' espera do incauto que abranda as arestas do proprio temperamento para que se não magoem as sensibilidades que elle representa, ha o perigo de não ser fiel ao pensamento proprio nem ao alheio: quedar no triste dominio da insignificação, onde as convicções se calam e as palavras enchem o ambiente, no seu vôo leve e imponderavel.

Discursando aqui, por uma delegação que sobremodo me honra, eu não procurarei pois, meus collegas, ser fiel a todos vós a um tempo só. Não procurarei revestir-me de todas as nuances, de todos os matizes caracterisadores que vos separam individualmente. Basta-me ser uno comvosco pela unidade fundamental de nossos sentimentos, nesta hora. Basta que o surto inicial de nossa fé—o que quer dizer: de nossa mocidade—faça baterem nossos corações ao mesmo rythmo.

A idéa é a suprema diferenciadora. E' o ardor da mocidade—a aspiração commum, a grandeza do ideal, commum—o que nos liga uns aos outros e com laços tão profundos que a idéa não os alcança e a palavra não os articula.

Como que se affirma, neste momento de despedidas, mais poderosa do que nunca, a força de nossa mocidade vinculando os nossos corações que sonharam e luctaram juntos, tanto tempo. Cresce em nós a ancia de sermos fieis a esses sonhos, atravez da vida tortuosa. A ancia de realizar, de uma em uma, as nossas aspirações. E são ellas e elles, creados não sabemos em que limbo original profundo, o que ligará minhas palavras humildes aos vossos sentimentos. Por sobre as diferenças de concepção e comprehensão, cada qual vendo a vida a seu modo, é esse amor á grandeza e á belleza possiveis da vida, o laço forte que nos uniu durante os estudos e nos vae unir d'ora em diante, quaesquer que sejam as distancias que o destino alongue entre nós. E' esse amor que representa a verdade de nossa união e de nosso affecto, vencedor das separações individuaes e capaz de vencer as diferenças mentaes que existem necessariamente, mesmo entre as gerações

Assim, quando escolhemos para nosso homenageado um velho e illustre professor desta Escola, o Dr. José Joaquim Seabra, trouxemos para nosso quadro de formatura o symbolo de uma geração passada, mas que o amor á Patria aproxima de nós. No emtanto, que immensa distancia entre a geração de Joaquim Seabra, de Ruy Barbosa, dos idealizadores e propagandistas da Republica, e a nossa geração que vê o Brazil afundado em crises de toda ordem, pelos erros que o regime desencadeou.

O nosso proprio homenageado deixou sua cathedra nesta Escola, para seguir um destino politico que o Brazil sabe como foi combativo e aspero, mas hoje confessa que o seu sonho é repousar das rivalidades e dos embates de sua vida junto de nós, entre os representantes mais moços e menos conturbados da Patria a que elle ama. Atira-o para os nossos

braços, pura e despida de preconceitos, a unidade fundamental do sentimento elaborado pela Raça, ao longo dos seus seculos de vida.

Respeitado esse vinculo que é grande e serio, eu não mentirei, senhores professores, si vos dissér, em nome da turma de bachareis deste anno, que poderão passar tambem vossas concepções juridicas, mas a vossa lição ficará perennemente comnosco.

Como todos os homens, representaes um momento no tempo, emquanto a vida perdura no tempo e se distende no espaço. Pode ser assim que ella tome rumo diverso do que lhe vaticinastes, uma vez que o progresso constante das instituições e o desenvolvimento das formulas sociaes escapam ao determinismo e aos calculos.

Mas a lição de vossa fé no direito e de vosso esforço para tornar possivel condensar-se em leis o odio pela injustiça, que todo homem traz á terra—essa grande lição maior que todas as outras, essa ficará eternamente comnosco, atravez de todas as vicissitudes de nossa vida, alentando-nos em nosso culto á justiça sempre que a má fé dos governos implantar a tyrannia ou a anarchia fôr gerada pelo máu instincto das multidões.

Durante cinco annos, tudo que nos dissestes, deixava-nos vêr a crença nas virtudes do direito e o esforço pela justiça das leis. A evolução das formulas de que tanto nos falastes, não será bastante para apagar em nós a consciencia dessas aspirações estaveis e eternas, aspirações que, atravez de todas as idades—desde quando o barbaro mais forte physicamente tinha o direito a seu lado, não porque o direito fosse moldavel, mas porque a força era o seu criterio, até hoje, quando o direito pretende valer por si e ter criterio proprio—tem norteado a actividade humana.

Muito especialmente a vós, senhor professor Edgar Altino, se dirige essa affirmação.

Nós vos escolhemos para nosso paranympo. Quizemos que fosse vossa a ultima lição que vamos receber nesta casa.

As palavras de despedida da Faculdade de Direito, sereis vós quem as irá proferir quando já estamos sob o portico para ir além, não sabemos para onde nem para que. Ligou-nos a vosso espirito, capaz de dar muito valôr a tudo que é nobre e dignifica a existencia, uma profunda affeição. E si neste momento, falando-vos, minha palavra, attendendo ao vosso luto, não se reveste da alegria bastante para expressar o jubilo de mais uma vez escutar a lição de vossos conhecimentos e de vosso senso, sabeis que a intelligencia e o coração continuam os mesmos, á espera de vossas palavras. A' vossa espera, como ultima voz da Faculdade de Direito dando-nos sua ultima lição, na ultima hora de um cyclo de nossa vida.

Realmente, meus collegas, é esta a hora em que se quebram cinco annos de convivencia, todo um periodo de viva e intensa união, em que se realizaram dentro de nós, muitos dos milagres de que é prodiga a adolescencia: milagres de amor e fé, de sonho e de esforço. Fecha-se esse periodo de nossa vida.

De mim, si me fosse dado recomeça-lo, era a vós todos sem excepção de um que fosse, que escolheria para novos companheiros de jornada. E si estivessemos em tempos biblicos, nenhum de nós talvez deixaria de pedir ao Deus poderoso dos livros de Moysés, que fizesse parar o sol e alongasse essa hora, a ultima de nossa convivencia. Que detivesse o sol e nos deixasse juntos.

Postos, porem, deante de um encruzilhamento definitivo nada podemos fazer que melhor nos ligue uns aos outros, senão analysar nossas almas e ver como se parecem, no momento em que nellas um enthusiasmo supplanta tudo: o enthusiasmo da acção.

Bachareis de 1926: seguimos o curso de direito, á procura de conhecimentos que nos armassem melhor para as luctas da vida. A' procura de conhecimentos que completassem nossa arregimentação interior, pondo ao nosso serviço uma mentalidade mais larga e mais clara. Passámos cinco annos diante de compendios e no convivio de professores, aprenden-

do a velha sciencia eterna do direito e a santa aspiração penenne da justiça, surgidas com o primeiro homem e que hão de desaparecer com o ultimo dos humanos. A justiça e o direito: phantasmas sagrados que não deixam, nunca, o homem sosinho sobre a terra, nas horas de maior dôr e nos dias de melhor gloria.

E, afinal, chega para nós, como para Philippe Barrés que partia para a guerra aos vinte annos de idade, o momento em que a pedagogia resigna diante da acção.

A acção como nós a entendemos hoje, não é mais a acção secca e morta de William James e do pragmatismo, feita expressamente para abafar a alma sob amontoamentos de cansaços. A renascença da philosophia thomista, que é um dos aspectos do renascimento do mundo depois da guerra, poz a acção aos cuidados da vontade mas ensinando que a vontade, potencia cega, tira sua nobreza metaphysica e sua utilidade natural do seu enraizamento na intelligencia. A razão foi rehabilitada, emquanto morria o racionalismo esteril e resseccador das almas. E hoje quando um escriptor procura exalçar as forças subjectivas do sentimento e da vontade, affirmando, por exemplo, que a acção é redemptora e o sentimento não pode ser damnado naquelle que lutou por um bem mais alto e mais puro (Renato Almeida)--mesmo ahi se descobre a intervenção da intelligencia que escolhe o bem mais alto e o bem mais puro.

A acção que sonhamos, é, portanto, uma que seja supremamente orientada pela razão. Queremo-la para dar valor a todas as potencias ordenadoras do homem.

Passou o tempo da desordem individualista, em cuja analyse o philosopho Jacques Maritain foi descobrir dois principios a que chama immanentismo e transcendentalismo. Proclama o primero que a liberdade e a sinceridade consistem essencialmente numa opposição ao *não eu*, numa reivindicação de independencia do subjectivo em relação ao objectivo como si este não pudesse encerrar nenhuma verdade e nenhuma vida; proclama o segundo que, por isso mesmo, nada

nos mede e nada nos domina, porquanto o nosso fundo intimo transcende a tudo. Natureza e leis, definições e deveres passam a ser puras criações humanas, variaveis de individuo para individuo e sem nenhum sentido exterior e nenhum criterio de imposição. Passou o tempo dessa desordem como passou o tempo das afirmações vagas. O tempo em que a liberdade politica e a paz universal, a evolução e Ingenieros affirmando que todo o tempo futuro será melhor, consolavam as almas. A liberdade politica adorada exclusivamente, conduziu á anarchia negativa e esteril. A paz universal desapareceu com a guerra e a evolução com os retrocessos da humanidade. E Ingenieros morreu. Morreu como antes delle havia morrido Lamartine, o que indagara:

*Porquoi nos hair et mettre entre les races  
ces bornes ou ces eaux qu'abhorre l'oeil de Dieu ?*

A' chimera desse cosmopolitismo succedeu hoje a verdade nacionalista. A organização nacional, o governo nacional, o direito nacional, segundo os modelos impostos pela indole do cada povo, esquecida a adoração ridicula dos modelos supernacionaes.

Por isso, nenhuma acção é mais legitima no Brasil actual, que uma de pura construcção brasileira. O Brasil que temos, não é construido, mas arranjado. Nossa politica, o que devera ser a acção do paiz no sentido de seu governo, não tem significação nacional, mas suas resoluções constituem uma miscellanea injustavel desde a constituição que é norte americana, ás divisas da republica que são comtistas e francezas. Em economia nós nos constituimos o paraíso da desorganização, creando o imperialismo do estrangeiro e afundando na miseria a gente da terra. Nossa tradição juridica é completamente despresada, não se levando na devida conta o esforço altamente sabio dos creadores de nossas primeiras leis, tão vivamente condicionadas pela geographia e pela sociedade.

A construção do Brasil é a missão que se impõe aos jovens brasileiros. Integrar o paiz no verdadeiro espirito republicano é hoje uma tarefa perfeitamente secundaria e despresivel, ao lado da outra de integrar o Brasil nos seus legitimos destinos brasileiros.

Hodiernamente, ha em litteratura uma forte campanha para se attingir esse ideal. Mas é em litteratura precisamente que o Brasil é mais brasileiro, desde o romantismo até nossos dias, com a obra de Alencar, de Castro Alves, de Bilac, de Affonso Arinos e de Euclides da Cunha. Em politica e em direito é que tudo está ainda por fazer. E no campo juridico, a Faculdade de Direito do Recife deve pronunciar a palavra de commando, ás vespervas do seu centenario e para se redimir do seu apostolado germanisante. Emquanto a Faculdade de S. Paulo creava advogados e juizes, nós quizemos um dia crear philosophos. E a divisa de Tobias Barreto, chefe da corrente que sahiu daqui, era: volvamo-nos para a Allemanha, do mesmo modo que a dos politicos era: volvamo-nos para a França e a Inglaterra!

Nosso grande ideal era alcançar o grau de pureza do liberalismo inglez e o grau de austeridade da cultura allemã. Aos politicos inglezes e aos philosophos allemães pediamos ingenuamente nossos modelos de vida, como doentes que consultam medicos por meio de cartas... Juristas, politicos e philosophos—lettrados, em summa, dirigiam-se para as nossas florestas virgens e tropicaes e, por meio de uma cirurgia de importação, queriam transformar nossos jequitibás, nossos paus d'arco, nossas gamelleiras em faias decorativas do Rheno e em macieiras floridas de França.

«Os elementos liberaes, na predicação de suas idéas parlamentaristas, federalistas, descentralisadoras e democraticas, inspiram-se inteiramente em theorias e ideas exoticas. Os federalistas não comprehendem que vivamos sob um regime centralisador quando ao norte do continente resplandecem em sua pureza a constellação dos Estados americanos e na Europa a dos Estados suissos. Para os parlamentaristas o

mechanismo do poder pessoal é um apparelho de monstruosa corrupção do bello regime com que se bemaventuram os livres cidadãos da Inglaterra. Os democratas, por seu turno, extasiavam-se ante o regime da opinião, dominante entre os inglezes e americanos e pedem a eleição directa e as instituições do self government, á maneira saxonica.»

Não são palavras minhas. Cito-as de um historiador illustre, o Sr. Oliveira Vianna, falando da pregação doutrinaria de que veio a sahir, annos depois, a Republica.

Philosophos que nos mandavam imitar attitudes germanicas, juristas e politicos que nos deformavam ao modelo inglez, foram os professores da hypocrisia nacional. Adoptando instituições estrangeiras que nada diziam á nossa alma, nós não nos sentimos levados a ser sinceros. Desrespeitamos-las methodicamente, sem remorso nenhum. E a doutrinação dos homens que teimam em nos adaptar a moldes politicos mentirosos, cansa e exhaure a nação.

A verdadeira realidade nacional morre á mingua. Sofrem as classes que trabalham, o commercio e a industria; a agricultura arrasta-se na rotina; e a nação brasileira que não é a plebe eleitoral, a multidão que se preme diante das urnas ao mando de cabos eleitoraes, a nação brasileira não encontra auxilio dos governos, absorvidos em pôr a nação ao seu serviço.

Acabamos de sahir de um quadriennio em que duas forças se debateram: de um lado os teimosos do liberalismo crendo que todos os nossos males são provocados pelos presidentes porque a Republica, essa não pode errar nunca e nem induzir ninguem ao erro porque é infallivel e santa; de outro lado, o governo que arrebatava a ordem constitucional e era de ferro para reprimir a anarchia, mas estava convencido de que a Republica não pode gerar nenhum erro e elle, representante della, não podia errar tambem.

Não se sabem os prejuizos da luta em torno do mythº democratico—republicano. Sabe-se apenas que foi a nação

que soffreu, sacrificada mais uma vez aos ideaes exteriores impostos, ficticios.

A artificialidade dos ideaes que perseguimos sacrifica a nação. E' mister crear um Brasil, cuja phisionomia exterior—cuja politica, cuja economia, cujo direito—sejam a manifestação do seu genio revelado pela historia e pela tradição: uma nação não é o mesmo que uma casa que se desmancha e se faz noutro estylo. Doutrinarios de toda especie têm esquecido, admiravelmente, por um raro milagre de cegueira mental, que o Brasil tem uma historia, tem uma tradição e tem um genio. Esquecem até que somos uma realidade geographica, e as realidades geographicas contribuem para a modelação de uma realidade humana distincta das outras.

Nós temos um territorio que nos pampas gaúchos e nas florestas e pantanos do Amazonas, nas serras centraes e nos sertões do nordeste, creou seu typo humano, o homem brasileiro ainda não definido no corpo, mas na capacidade de acção. Foi elle que invadiu os sertões catando ouro nas gargantas dos rios e soltando gado nas varzeas. E' elle que forma a vanguarda da onda immigrante que se estabelece no sul do paiz, nos logares por elle desbravados. E' elle que, saindo do nordeste secco e cheio de sol, vae povoar a humidade cheia de sombras da Amazonia. E' elle que vae pouco a pouco povoando Matto Grosso, da mesma forma que conquistou o Acre. E' elle que forma a multidão silenciosamente admiravel de vaqueiros, pastores, garimpeiros, seringueiros, pescadores do Brasil! E' elle que forma o exercito e vae morrer em defeza da Republica que tem carinhos maternas pelos politicos de profissão!

Dessa verdade: uma natureza nova para ser trabalhada, explorada e vencida por um homem novo, resulta infallivelmente que os methodos de trabalho, de exploração e de luta, serão tambem methodos novos. E os homens que se reúnem para vencer, unir-se-ão segundo moldes ineditos. A solidariiedade apresentará aspectos desconhecidos.

Ora, o direito, quaesquer que sejam as definições apresentadas pelos sabios, não é mais do que a formula, a regra directriz dessa associação. Juntam-se os homens para vencer as forças adversas; juntando-se, obedecem a certas e determinadas leis: o conjuncto dellas é o direito.

Si a natureza é nova e o homem que a vae vencer é tambem novo, a associação que é o methodo de combate, não pode ser velha nem extranha: o Brasil reclama o seu direito nacional.

Por sua vez, o governo a que incumbe a defeza dos direitos, tem de ser nacional, porque, sendo exotico, elle não pode comprehender nem justificar instituições juridicas saídas da terra e da gente. Sendo artificial, não poderá defender realidades. Adventicio, não protegerá o que é legitimo e justo. A politica brasileira, ella tambem, ou deixa de ter preocupações estrangeiras sob o rotulo de universalismo, ou continuará a ser um crime contra o Brasil, exaurindo lentamente uma pobre raça que persegue a miragem infeliz de ser igual ás outras e differente de si mesma.

Nossa politica e nosso direito hão de ser nacionalistas, condicionadas pela terra e pelo ambiente, porque si não existe um absoluto depotismo tellurico e o homem pode até certo ponto contrariar a natureza, é tambem uma verdade a ser attendida que se pode desviar o curso de um rio, mas não se pode estancar a nascente, pode-se aproveitar a electricidade, mas não se pode destrui-la, como não se poudes crea-la. Numa base physica irmã da base physica dos grandes imperios da historia, si não conseguirmos um vinculo forte e ficarmos nos regimes artificiaes—nós nos desmembraremos como elles.

Quizemos sempre ser igual aos outros povos. Não vimos que cada povo tem sua liberdade politica e sua cultura juridica proprias. A universalidade do direito não repousa na cultura que separa os homens que só são iguaes em suas necessidades mais rudimentares.

Aquillo que leva um povo a crear um direito seme-

lhante ao dos outros povos não é a imitação de Tarde, mas a obediência á propria natureza, ao substratum universal de cada homem.

E' essa luta a favôr da verdade juridica e da verdade politica brasileiras o que está solicitando o nosso esforço, o nosso amor á acção util. O mundo moderno não permite a luta por inocuidades, por votos secretos e por lisura parlamentar, salvo si quizermos acceitar uma herança de ideologismos desvairados que a humanidade está alijando de seu patrimonio e jogando fóra, sem piedade.

Hoje no mundo inteiro procede-se uma severa revisão de idéaes. Ninguém crê mais no Parlamento. Ninguém jura pela existencia da soberania popular, soberanamente desmoralisada nos jurys e nas eleições. Ninguém mais se suicida em holocausto á Liberdade, á Igualdade e á Fraternidade. Ninguém mais chora a ponto de humedecer o collete como Rousseau, ao descobrir a bondade natural. Não se pensa mais nisso.

Na propria França já é possível a um historiador sereno e sabio como o é Jacques Bainville, indagar si os termos organização e democracia republicana nãs são contrarios e oppostos por ver que desde a proclamação da Republica se fala em organizar o paiz sobre bases verdadeiramente republicanas. Entre nós tambem, como em Portugal que é o nosso tronco ethnico mais proximo, todo dia se fala em instaurar definitivamente o paiz no puro regime democratico e ninguem é capaz de dizer que já se conseguiu essa finalidade.

A acceitação incondicional dos principios democraticos levou á anarchia e a revolução russa de 1917 foi o complemento necessario da revolução franceza de 1789. Implantada a igualdade politica, viu-se que ella era uma ficção si os homens continuavam um mais rico do que o outro, um menos poderoso do que o outro. Procurou-se então no socialismo a igualdade economica, como base á igualdade politica e é essa a relação de causa a effeito que approxima duas doutrinas

apparentemente antinomicas como o individualismo francez e o socialismo russo.

Não será hoje que nós iremos encher nossa intelligencia dessas theorias que estão perdendo prestigio no mundo.

Seria loucura. Nós não podemos permanecer nesse declive e temos de nos apegar a alguma realidade; essa realidade somos nós mesmos. E' o Brasil. Temos de fugir ao perigo do idealismo e da imitação e crear a doutrina de nossa realidade historica, auscultando as aspirações que têm caracter de permanencia e indicam assim as directrizes essenciaes de nossa terra e nossa gente.

Foi porque obedeceu a essas aspirações que a Regencia foi o periodo aureo de nossa vida politica. Pedro I, voluntarioso e impulsivo, foi apenas o homem que sustentou a corôa um momento, enquanto a corôa fundava o Brasil. Pedro II, patriarchal e bom, foi no entanto um imperador ingenuo que, eivado de theorismos, commetteu o crime inominavel num homem que deve ser de acção, de não acreditar em si mesmo! De não acreditar na virtude historica do regime que se personificava nelle! O segundo imperio foi todo liberal por theorias; a mentalidade politica nacional, inchada de liberalismo, fluctuava. E quando se quiz apegar a alguma cousa, creou a Republica ao modelo estrangeiro, quando um grupo de quatro ou cinco theoricos achou occasião de influir na boa fé e no pouco preparo de Deodoro que proclamou o novo regime numa parada militar sem grande brilho.

Nós não podemos mais pensar nisso. Temos de trabalhar pelo Brasil, estudando conscientemente a sua historia para deduzirmos della o seu direito e a sua politica, o direito e politica nacionaes.

E' do estudo da historia que começa a deturpação anti-brasileira de nossa vida, explicando-se tudo que temos feito, desde o descobrimento, como passos para a democracia que ahi reina. Só se vê na nossa historia revoluções e sentimentalismo. Não ha um compendio que fale de trabalho

pacífico. Que fale dos homens de acção calma. Que fale nos movimentos sinceros da população.

A opinião publica é uma corrente deslizando pelos canaes abertos pelas elites, pelas aristocracias. O Brasil tem hoje methods proprios de cultura geral e o bacharel não deve ser em virtude de seu titulo, outra cousa mais que um technico do direito. Mas seu titulo e seus conhecimentos especializados, elle deve pôr ao serviço desse espirito de renovação nacionalista que é o espirito do Brasil que vae nascer e deve ser o verdadeiro Brasil.

Essa é a tarefa que ninguem realisará a não ser nós : infundir em nosso organismo juridico a consciencia nacional, doutrinando que o direito não deve ser uma mentira, uma insinceridade, um aparelho extranho, alheio á realidade da nação que o acceitou. Devemos mostrar ao Brasil inteiro que o direito ou é uma floração, um desabrochamento da propria vida nacional a que serve de estructura, ou nada é. O direito e a politica são o arcabouço do paiz; um paiz é como um corpo : o esqueleto alheio de nada serve.

Meus collegas de turma :

Eu lamento a vossa escolha de meu nome para orador. Vistes que não sahiu de meus labios nenhuma palavra lyrica, nenhum hymno á mocidade, nenhuma saudação á democracia. Fui talvez desgracioso demais.

Não sei porém si vós querieis isso. E, na duvida, obedeci a mim mesmo, obedeci a alguns de vós que mais perto estiveram de mim, obedeci á idéa que me foi dado ter de vós todos, ao longo de cinco annos de convívio amavel. Eu vos vi querendo bem a esta casa. Querendo honrar deante do Brasil a tradição desta Faculdade onde o erro pode ter vivido mas onde nunca viveu a má fé.

E o amor ao Brasil não nos manda perder-nos em optimismo mas encarar a vida com seriedade e confiança. Quanto a mim, estou serio e confio. Confio na Raça, confio na força intima desse povo que dilato uo rincão e firmou a an-

cionalidade. Creio no Brasil apegado á sua fé e apegado a si mesmo.

Quando as nossas aristocracias se convencerem da verdade de nossa existencia como existencia autonoma e submeterem sua actuação ás necessidades de nossa indole, ás necessitações organicas nacionaes, o Brasil terá iniciado uma phase nova de vida. Sendo a politica e o direito instituições nossas, saídas de nosso corpo e da nossa alma, nós as saberemos respeitar. O direito não soffrerá villipendios dolorosos e a politica será justificada pelos seus fructos.

E' por esse Brasil que devemos combater—o Brasil dos que vierem depois de nós e para quem elle será mais amigo e mais paterno, um Brasil mais *patria* que o de hoje, embora não seja mais amado pois o nosso amor attinge, por elle, os limites possiveis do Amor.

*Luis Delgado*

---